



XVI Conferência Brasileira de Comunicação Cidadã /

Mídia Cidadã

Tema central:

Comunicação e as lutas por cidadania na disputa de hegemonias

19 a 21 de outubro de 2022

Iniciativa e Realização

Associação Brasileira de Pesquisadores e Comunicadores em Comunicação Popular,

Comunitária e Cidadã - **ABPCom**

Universidade Estadual de Londrina – **UEL**

Programa de Pós-Graduação em Comunicação – **PPGCom UEL**

A experiência da Rádio Favela enquanto uma heterotopia: um ensaio em três momentos¹

Thaís Amélia de Oliveira Gomes²;

Universidade Federal de Minas Gerais

Resumo: O presente artigo tem como objetivo refletir sobre o fenômeno comunicacional da rádio Favela, hoje Autêntica FM, a partir do conceito de heterotopia de Michel Foucault. O veículo, fundado em 1976 em Belo Horizonte (MG), é considerado a primeira iniciativa de rádio comunitária no Brasil. Para o proposto, analisaremos tal experiência a partir de três perspectivas: a emergência do veículo e a caracterização inerente às rádios comunitárias, a emissora e suas produções como uma técnica de si e a própria experiência da rádio Favela enquanto uma heterotopia para comunicadores e jornalistas.

Palavras-chave: rádio comunitária; heterotopia; tática; escrita de si.

¹ Trabalho apresentado no GT5 (**Comunicação e as lutas por cidadania na disputa de hegemonias - CBCC**) da XVI Conferência Brasileira de Comunicação Cidadã 2022, de 19 a 21 de outubro de 2022 – realizada pela ABPCOM – Associação Brasileira de Pesquisadores e Comunicadores em Comunicação Popular, Comunitária e Cidadã, Universidade Estadual de Londrina (UEL) e Programa de Pós-Graduação em Comunicação – PPGCOM-UEL.

² Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da UFMG
email: contatoameliagomes@gmail.com

Introdução

"A gente precisava ter uma rádio, para dar bom dia para nós mesmos! Falar para o nosso povo, de favela para favela!" Movido pelo sonho de dar voz ao morro, até então silenciado pelos meios de comunicação comerciais, Misael Avelino, colecionou peça por peça da revista mensal de eletrônica que fornecia como brinde aos leitores, ao final de um ano, um aparelho transmissor. Ele, juntamente com um grupo de amigos, conseguiu inaugurar, ainda de forma precária, a Rádio Favela.

Enquanto em todo o país as emissoras "oficiais" entravam em cadeia nacional para exibir "A voz do Brasil", no Aglomerado da Serra, uma das maiores periferias da capital mineira, ressoava "A verdadeira voz do Brasil" como declaravam os locutores da rádio Favela à época. A iniciativa foi o primeiro conteúdo da emissora e também um esboço norteador do que viria a ser a grade de programação e linha editorial da rádio. Não só o nome, mas também o formato do programa nacional foi reapropriado pelos moradores, que noticiavam assuntos importantes para a comunidade, como por exemplo, as prisões e incursões ilegais da polícia:

"Durante o dia, a gente ia anotando tudo o que acontecia na comunidade e, à noite, no horário da Voz do Brasil, entrávamos no ar e falávamos tudo. A gente denunciava os problemas, falava das reclamações dos moradores. (...). Nós entrávamos no ar às 19 horas e ficávamos até 1 hora da manhã com esse boletim". (AVELINO, 2018)

Podemos então entender este fazer da rádio Favela, como uma operação em consonância com o que Certeau (2003) aponta como a bricolagem na tática do fraco? Ou seja, uma forma de se apropriar dos códigos já existentes para criar uma nova composição, uma recomposição que ao mesmo tempo questiona e produz uma rota de fuga diante do aparato de controle.

O boom das rádios comunitárias no Brasil, colocou em cheque as "regras" que até então vigoravam sobre os veículos de comunicação. A emergência e notoriedade da Rádio Favela modificou o consenso social de que a comunicação era algo restrito às grandes empresas do meio. Para José Guilherme Castro, a emissora é "o maior fenômeno de conquista popular na área de radiodifusão no mundo" (CASTRO, 2007,p.24).

A inegável astúcia dos idealizadores de iniciativas desta natureza (comunitária, alternativa, popular, etc.), poderia também ser entendida como uma tática de contra-ataque diante dos monopólios e oligopólios de comunicação? Uma vez que elas utilizam as próprias ferramentas do sistema, para subverterem sua finalidade - ou na verdade seu uso padrão - ao mesmo tempo em que propõem uma alternativa à realidade até então imposta, tensionando e protagonizando uma disputa de poder, característica também inerente às heterotopias.

Autores como Dioclécio Luz, se debruçam a analisar as reverberações desses tensionamentos. Para o pesquisador, diversos foram e seguem sendo os meios empregados pelas elites econômicas, para conter e exterminar este inimigo. "A repressão às rádios comunitárias é fruto de uma decisão política, vem de um poder, a classe dominante, que determina ao Estado o acionamento dos seus instrumentos para coibir a organização popular." (LUZ, 2005). A própria legislação posteriormente criada para regulamentar o setor é apontada pelas emissoras livres e comunitárias como um instrumento de contenção e repressão dessas iniciativas, pois mais do que regular, ela limita atuações. Como pontua Cristiano Lopes:

As forças hegemônicas do setor de comunicações representadas sobretudo pelos interesses das empresas exploradoras da radiodifusão nos moldes comerciais foram preponderantes, fazendo com que a radiodifusão comunitária se tornasse, de acordo com os ditames da lei, apenas um nicho controlável, cujo poder de formação de opinião pudesse ser controlado por meio de uma política de exclusão. (LOPES, 2005 p.113)

Em 2002, após quase 30 anos de existência, a Favela conquistou sua outorga de funcionamento, autorização concedida sob a licença educativa. Se por um lado a determinação pode ser entendida enquanto uma estratégia para enfraquecer a emissora e seu protagonismo na luta das rádios comunitárias no Brasil, uma vez que a partir deste momento, suas determinações, características e pautas reivindicatórias não versam mais sobre este setor. Por outro, também pode ser lida como uma tática dos membros da emissora para conseguirem se desvencilhar das ações cotidianas da Anatel e da Polícia Federal, que majoritariamente terminavam na suspensão do funcionamento da emissora. Além de, em certa medida, também driblar as restrições supramencionadas, inerentes à Lei 9.612/98.

Ao tornar possível algo que parecia tão distante e que ao mesmo tempo altera e se justapõe a realidade, poderia então a rádio Favela ser lida enquanto uma heterotopia? Quais os frutos que esta iniciativa consolidada de comunicação, que caminha para sua quinta década de existência, confere à subjetividade daquela comunidade e de jornalistas e comunicadores? Como esta experiência altera e conforma estes sujeitos?

A utopia possível

Ao propor o conceito de heterotopia, em seus escritos em 1960, Michel Foucault apresenta uma nova leitura às possibilidades de entendimento do espaço. Distinguindo os conceitos de utopia e distopia, o autor elabora sobre a existência de uma heterotopia, um lugar outro que, diferente da utopia e distopia, está afixado na realidade e existe tanto como espaço físico quanto mental. Neste

espaço, a lógica e significações se dão em relação a outros lugares, mas questionando, invertendo ou neutralizando estes outros espaços. Para ilustrar a proposição, o filósofo se utiliza da metáfora do espelho, onde ao mesmo tempo em que somos representados quando nos vemos, também podemos compreender nosso reflexo enquanto uma inversão de nós mesmos ou enquanto uma contestação dessa representação frente à maneira como nos enxergamos.

Contextualizando o conceito a partir da perspectiva das iniciativas de rádio comunitárias, livres e populares, podemos entender tais propostas como uma heterotopia, tendo em vista que estas nascem de tensionamentos ou questionamentos com a lógica hegemônica de produção. Uma das características construídas pelo filósofo para explicar o conceito, também corrobora nesta interpretação. Em sua heterotopologia, Foucault afirma que uma sociedade pode atribuir uma nova função a uma heterotopia existente, assim como propõe as iniciativas radiofônicas alternativas, frente às produções hegemônicas.

Em um passo anterior, ainda sobre a cartografia elaborada pelo autor para explicar seu conceito, as produções de comunicação de modo geral também podem ser lidas como tal, tendo em vista a premissa defendida por Foucault de que heterotopias possibilitam recortes temporais no cotidiano. Pensando, por exemplo, nos jornais - audiovisuais ou impressos, que em certa medida funcionam como um compilado dos acontecimentos do dia ou semana - a partir do momento em que estes conteúdos estão sendo consumidos por seus espectadores/leitores, os mesmos são transportados para outro recorte temporal. E assim como pontua o autor, essas heterotopias, no caso os jornais (impressos ou audiovisuais) existem em uma materialidade concreta. Para exemplificar esta mesma característica, o pensador ilustra com o exemplo de um museu, ou uma biblioteca que também são entendidos por Foucault como heterotopias que produzem heterocronias, ou seja, recortes temporais, onde os sujeitos são transportados para outra realidade (espaço-tempo).

Conceber as iniciativas alternativas de produções radiofônicas como uma heterotopia nos ajuda a dimensionar a potencialidade transformadora de tais propostas, pois como pontua o autor, os espaços heterotópicos, diferente das utopias que para Foucault se encontram no universo irreal/fantástico, são lugares que fornecem mais materialidade de resistência e luta no tempo presente.

A insurgência inerente às rádios comunitárias

A primeira exibição da rádio Favela aconteceu em 18 de novembro de 1976, de forma improvisada:

"A nossa antena ficava no pé do abacate [que até hoje existe no quintal da Rádio Favela]. A gente colocava a antena num bambu de 7 metros; de dia escondíamos o bambu na árvore, à

noite a gente subia no abacateiro com o bambu na mão. Naquela época, nem todo lugar da favela tinha energia elétrica, então para fazer o transmissor funcionar a gente conseguiu duas baterias de uns tratores que estavam fazendo uma obra aqui perto". (AVELINO, 2018)

O transmissor, conquistado como brinde em uma revista, emitia em um raio de apenas 50 metros, mas Misael conseguiu destravar o equipamento para transmitir em longa distância. A gambiarra e o improviso, não são exclusividades da emissora, mas uma prática rotineira dessas experiências comunicacionais que vão na contramão da lógica comercial de produção. Essa necessidade de se utilizar de manobras astuciosas para conseguir “dar voz” às suas comunidades é também consequência da política monopolista e oligarquista dos meios de comunicação em nosso país. Em 2017, a pesquisa “*Monitoramento da Propriedade de Mídia no Brasil*” apontou que 26 dos 50 veículos de comunicação de maior audiência no país estão nas mãos de apenas cinco grupos empresariais, 21 destas empresas de comunicação também possuem atividades diretas ou por meio de seus proprietários em outros setores econômicos, como financeiro, agropecuário, imobiliário, etc.

Em resposta a este cenário, iniciativas “clandestinas” de comunicação continuam efervescendo pelo país e Minas Gerais têm papel significativo neste contexto. Também em 2017, mesmo ano do levantamento que escancarou a concentração da mídia no Brasil, mais da metade das rádios “ilegais” interrompidas pela Agência Nacional de Telecomunicações - ANATEL se concentravam no estado, sendo que Minas Gerais registrou quase o triplo da média das outras unidades federativas.

O que explicaria a grande relevância do estado nestes gestos de rebeldia contra o sistema de comunicação imposto no país? Podemos entendê-los enquanto uma espécie de “legado” que a trajetória de resistência da emissora deixou para os mineiros? Afinal, conseguir manter no ar uma rádio “ilegal” por quase 30 anos, sendo ela constantemente caçada e atacada pelos aparatos do Estado, exige de fato, operar meticulosamente nas brechas deixadas pelo inimigo “golpe por golpe, lance por lance” (CERTEAU, 2003, p. 104).

Nesse cenário tão inóspito à democratização dos meios, criar e manter um espaço possível e real de comunicação, aberto à comunidade, construído em suspiros e brechas - justamente em um dos espaços geográficos mais invisibilizados pelo poder público, a periferia - pode ser entendido como uma heterotopia? Um refúgio que coexiste com as mazelas e negligências relegadas àquela população, e que ao mesmo tempo questiona e denuncia essa realidade.

A verdadeira voz do Brasil

A negação dos padrões impostos pelos veículos tradicionais de comunicação, a ausência de reconhecimento nas representações apresentadas por estes veículos e a construção de uma forma irreverente e intrínseca de fazer comunicação são características fundantes das rádios comunitárias (DOWNING, 2002, p. 89).

Esse exercício de trazer para fora o si, de configurar a sua própria representação e de conduzir sua existência no mundo, também abre espaço para uma outra forma de heterotopia: a escrita de si. Ao se colocarem neste lugar de narradores daquela comunidade e de si próprios, os sujeitos que constroem a rádio Favela, a cada novo gesto cotidiano vão se reconstruindo e se transformando, não só individualmente, mas coletivamente.

Tomemos novamente como exemplo, o significativo dado sobre o número de rádios “ilegais” em nosso estado e o próprio fenômeno da explosão dessas iniciativas no Brasil na década de 1980. O quanto esta experiência de uma escrita de si, foi fagulha para que outras comunidades criassem suas próprias emissoras? Espelhados, inspirados e provocados pela Favela e outras precursoras.

Por outro lado, individualmente estes sujeitos construtores da rádio, também podem ter sido alterados por múltiplas afetações, fruto dessa escrita produzida na Favela. Os simbólicos grupos culturais, de rap, hip hop e outras manifestações que foram ocupando a emissora no momento da sua emergência também podem ter, em certa medida, reconfigurado estes sujeitos em suas individualidades.

Este gesto reflexivo e constitutivo, próprio das técnicas de si, em que o sujeito se predispõe consciente e intencionalmente àquela construção, são condições primordiais para o que Dewey caracteriza com experiência estética. Evidenciando as aproximações entre o conceito do autor e a escrita de si enquanto uma heterotopia. “O que é feito e o que é vivenciado, portanto, são instrumentais um para o outro, de maneira recíproca, cumulativa e contínua.” (DEWEY, 2010, p.131). Outros elementos reforçam o caráter transformador da escrita de si.

Entendendo a produção radiofônica em um veículo de viés comunitário como uma escrita de si, não podemos ignorar o caráter questionador intrínseco a esta ferramenta. Ao alterar códigos, como por exemplo, da representação da vida na periferia, do que é ou não considerado como artístico, do que é ou não jornalístico e relevante para aquela comunidade, essa escrita produzida pela rádio deslegitima os condicionamentos impostos aquele espaço, perturbando e tensionando os dispositivos de controle.

Nesse confronto entre as narrativas produzidas pela comunidade e aquelas que a ela são impostas, os sujeitos vão estabelecendo e reconhecendo seus valores, e se movimentando entre eles e o mundo posto. Em uma negociação constante entre o que se é, o que se deseja ser e os constrangimentos impostos pela concretude do mundo real.

O saber que vem do morro

Por se configurar enquanto essa escrita de si, as produções da rádio Favela carregam características inerentes ao que Cicília Peruzzo (2010) conceitua como comunicação comunitária. Segundo a autora, este modo de produção pode ser capaz de reconfigurar, mobilizar e reestruturar a esfera pública local (PERUZZO, 2010). Potencialidade endossada por Valdir de Castro Oliveira:

Pressupõe-se, nesse contexto, que as emissoras radiofônicas comunitárias sejam idealmente consideradas como espaços de organização social, indutoras do estabelecimento de pautas e temas de determinadas coletividades e instâncias para se invocar a responsabilidade das instituições diante do interesse comunitário. (OLIVEIRA, 2010, p.176)

Para o pedagogo e patrono da educação, Paulo Freire, a comunicação deve ser algo transformador, uma ferramenta que atue de forma a desvelar aos sujeitos oprimidos suas verdadeiras condições. Mas para isso, ela precisa ser construída entendendo seu interlocutor não como um sujeito passivo, amorfo, portador de menor conhecimento, mas o reconhecer em pé de igualdade, respeitando e validando suas diferenças.

A partir do processo dialético, que para Freire é construído na dinâmica ação-reflexão, os sujeitos envolvidos nessa troca comunicativa aprendem a pronunciar o mundo, refletindo sobre ele e intervindo em sua construção, em busca de um processo de superação e emancipação social.

No entanto, no cenário atual de acirramento democrático, deslegitimação do jornalismo e por consequência efervescência das fake news, somado ao histórico consolidado de monopólio e concentração dos meios de comunicação e ausência de políticas públicas de promoção da democratização da mídia, pensar a comunicação enquanto um instrumento que contribua para a transformação da realidade dos sujeitos parece algo cada vez mais distante e utópico.

Dito isto, a experiência da rádio Favela, também poderia ser entendida enquanto uma heterotopia para aqueles que anseiam um modelo de comunicação inspirado nos ideais de Freire? Sendo a utopia possível para os que acreditam na comunicação enquanto um instrumento libertador, do qual qualquer sujeito possa se valer para transformar a si próprio e consequentemente a sua realidade?

Considerações Finais

Mesmo diante dos desmontes e dos mais diversos ataques - como a constante depredação do transmissor da emissora, que teve uma escalada em seus episódios nos últimos dois anos - a rádio Favela sempre encontrou uma maneira de se manter no ar. Há 46 anos, em meio a uma realidade de

mazelas, ela segue transmitindo não só suas produções sonoras, mas também esperança, transformação e resistência.

Para nos ajudar nesta tentativa preliminar de interpretar a emissora enquanto um espaço heterotópico, elencamos três perspectivas: a experiência de resistência da rádio enquanto uma heterotopia para outras comunidades, entender suas produções e construção enquanto uma escrita de si e por fim, conceber a sua experiência enquanto uma heterotopia para jornalistas e comunicadores.

No primeiro caso, tentamos o esforço de concebê-la enquanto aquilo que Castro (2015) classificaria como uma heterotopia de desvio ou de crise, onde estão os “indivíduos com comportamentos desviantes em relação à média ou à norma exigida” (CASTRO, 2015, p.5). Uma vez que o aparato estatal e policial empenhado para conter iniciativas populares e alternativas de comunicação e o tratamento dado àqueles que ousam desafiar essas forças, se assemelha ao conferido a outros sujeitos com comportamentos considerados desviantes, como os criminosos.

Ao agrupar os mais diversos sujeitos e narrativas, as produções e conteúdos publicizados pela rádio Favela poderiam ser concebidos enquanto uma heterotopia de justaposição uma vez que ela “tem o poder de justapor em um mesmo lugar real múltiplos espaços, múltiplas alocações, que são incompatíveis entre si” (CASTRO, 2015, p.5) Sobretudo em seu nascedouro, a emissora congregava uma pluralidade de personagens como o coral de lavadeiras da comunidade, o grupo de hip hop, religiosos do bairro, etc.

Assim como a existência da emissora no território pode ser um lampejo para a comunidade, em outro modo, também pode o ser para comunicadores e jornalistas, contrapondo ao cenário inóspito a qualquer outra forma de comunicação, senão a imposta pelo atual padrão de produção, que visa fins lucrativos e comerciais. Por isso, pensar a Favela para estes sujeitos pode ser uma forma de heterotopia de ilusão “um espaço (...) que evidencia todo o espaço real, todas as alocações onde a vida humana acontece, como espaços mais ilusórios ainda” (CASTRO, 2015, p.5).

Referências Bibliográficas

BRASIL. Lei nº9.612 (1998). Institui o Serviço de Radiodifusão Comunitária e dá outras providências. Brasília: *Diário Oficial da União*. Disponível em <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9612.htm> Acesso em: 17 de jul 2020.

CASTRO, José Guilherme. Uma vida para as rádios comunitárias. In MARTINS, Fábio (Org.) REVISTA, Rádio em. Belo Horizonte, n.03, Ano 3, P. 24 - 27.

CASTRO, Luiz Guilherme R. Outros espaços e tempos, heterotopias. In: 1º Congresso Internacional Espaços Públicos, 2015, Porto Alegre. Anais do 1º Congresso Internacional Espaços Públicos [recurso eletrônico]. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2015. v. Único., P. 1-12.

CERTEAU, Michel de. A invenção do Cotidiano: artes de fazer. Petrópolis: Vozes, 2003. P.169-217.

FOUCAULT, Michel. De espaços outros. *Estud. Avançados*. 2013, vol.27, n.79. P.113-122.

FREIRE, Paulo. A dialogicidade: essência da educação como prática da liberdade. In:_____. Pedagogia do oprimido. 62. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2011. P. 107-166.

LOPES, Cristiano A. (2005); “Política Pública de Radiodifusão Comunitária no Brasil – exclusão como estratégia de contra-reforma”; Dissertação de Mestrado; Faculdade de Comunicação; Universidade de Brasília. Disponível em: <<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/ea000212.pdf>> Acesso em: 11 de jun. 2021.

LUZ, Dioclécio. O sonho da burguesia é comer rádio comunitária. 2005. Disponível em: <<https://www.alainet.org/es/node/111173>> Acesso em: 14 jul. 2020.

LUZ, Dioclécio. O medo nas rádios comunitárias. 2004. Disponível em: <<https://www.alainet.org/es/node/109056>> Acesso em: 14 jul. 2020.

OLIVEIRA, Valdir de Castro . Condições e contradições da utopia radiofônica comunitária. In PRATA, Nair (Org.). O rádio entre as montanhas: histórias, teorias e afetos da radiofonia mineira. Belo Horizonte: Fundac, 2010. P.171-192. Disponível em: <<https://blog.ufba.br/portaldoradio/files/2012/10/O-rádio-entre-as-montanhas-livro-completo.pdf> > Acesso em: 08 ago 2020.